

60 ANOS DA RÁDIO SOCIEDADE CATARINENSE

Entre 1974 e 1975 a emissora funcionava na residência de Luís Carlos Belotto. A sede própria foi adquirida em 1975 na Avenida XV de Novembro, 608, onde permanece até hoje. Desse período até 1984 foi administrada por Albino Biagio Sganzerla que, com o passar dos anos, aumentou sua participação comprando cotas dos outros sócios. Em abril de 1972 já possuía 50,63 por cento e em outubro de 1979 tornou-se proprietário de 75,32 por cento, ficando o restante com outros 09 sócios.

A portaria Nº 357, do Dentel - Departamento Nacional de Telecomunicações, em 24 de março de 1976 autorizou a mudança de prefixo da Rádio Catarinense para ZYJ 765, bem como a alteração da freqüência para 1270 KHz e autorização para utilizar a potência máxima de seu transmissor, 1.000 Watts. As referidas alterações aconteceram após 16 anos de luta. No dia 03 de setembro de 1980, a emissora conquistava mais um expressivo aumento de potência: 5.000 Watts.

Em meados da década de 70, Ailton Viel comandou, por cinco anos, os programas “Alô Jovem Super” e “A Noite é Nossa”. Ele lembra que a Catarinense tinha um “timaço” de comunicadores. Vicente Luiz (noticiarista e narrador esportivo) Doscil Amboni, (produtor esportivo e comentarista) Valdir Rosário (produtor e comunicador) além de Rubens D’Avila e Iraí Zílio.

Desde a fundação da Rádio, a maioria das notícias era captada através do serviço de “rádio escuta”, ou seja: eram gravadas das grandes emissoras do país, copiadas e levadas ao ar de hora em hora. A partir desse período o jornalismo adotou uma postura diferente e passou a ser apresentado, inclusive, fora do horário convencional. Os noticiários deixaram de ser meramente leituras de textos ou reproduções de entrevistas. A novidade era a entrevista editada, que ganhava de certa forma algum ponto de vista editorial, com sutil opinião do redator. O ouvinte do Meio-Oeste de Santa Catarina passou a contar, também, com o plantão de notícias em edições extraordinárias. Os repórteres passaram a interferir, ao vivo, na programação. Os operadores da mesa de áudio (Viel lembra de dois: Castilho e Antonio Carlos Bello) acionavam uma vinheta, um apito estridente e longo, precedido de uma voz grave que anuciava: “*Comandos Triton em ação...*”. Era quando o repórter entrava e relatava o fato.

O Jornalismo da Rádio Catarinense, a exemplo de hoje, era ágil e respeitado, reservada a censura que imperava naquela época.